

Eunice Gutman, a pioneira do cinema feminista no Brasil

PÁGINA 5



Ana Carolina retoma veia autoral em EP

PÁGINA 6



Fita anuncia programação de sua 17ª edição

PÁGINA 8



Imagem da Praça Onze em 1939, três anos antes de sua demolição

2º CADERNO

Praça Onze, A TERRA DO SAMBA, ressurgem em livro

Por Affonso Nunes

A jornalista Beatriz Coelho Silva, conhecida como Totó, mergulha na memória musical carioca com “Quando Vem da Alma de Nossa Gente – Sambas da Praça Onze”, novo lançamento da Garota FM Books que reconstrói a história de um dos bairros mais emblemáticos do Rio de Janeiro através da música. O trabalho, prefaciado pelo historiador Luiz Antonio Simas, examina como 14 canções criaram uma mitologia duradoura em torno da região considerada berço do samba, demolida há mais de oitenta anos para dar passagem à Avenida Presidente Vargas.

O livro será lançado nesta quinta-feira (17), às 18h, na livraria Folha Seca, com roda de samba conduzida pelo maestro Paulão Sete Cordas.

A obra analisa composições lançadas entre 1930 e 1982, dividindo-se entre onze canções sobre o bairro criadas por compositores que não viveram ali e três obras de João da Baiana, pioneiro do samba nascido na própria Praça Onze. A pesquisa contou com a colaboração de Paulão e da cantora Clara San-

Fotos/Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro



A casa da Tia Ciata

Obra analisa 14 sambas que eternizaram o bairro demolido em 1942 para dar lugar à Avenida Presidente Vargas



droni, professora de Canto Popular da UniRio, que contribuíram para as análises musicais. “A Praça Onze era um bairro cosmopolita, uma pororoca de idiomas e sotaques que nos brindou com o que temos de melhor: um amalgama de culturas, da qual o samba é a maior expressão. Este livro tenta contar como isso aconteceu”, explica a autora.

A abordagem metodológica de Totó trata a canção como obra literária integral, considerando letra, música e interpretação como elementos indivisíveis. Segundo ela, essa perspectiva permite compreender como essas composições contribuíram para forjar uma identidade brasileira e perpetuar a memória de um espaço urbano que transcendeu sua existência física. O trabalho investiga o processo pelo qual a música popular transformou um bairro real em território mítico, mantendo viva sua influência cultural décadas após seu desaparecimento. **Continua na página seguinte**

ENTREVISTA / BEATRIZ COELHO SILVA, JORNALISTA, PESQUISADORA E ESCRITORA

Sérgio Costa/Divulgação

Jornalista com passagens por veículos como Rede Globo, O Globo e O Estado de S. Paulo, Beatriz Coelho Silva é mestre em Letras com especialização em História do Brasil. Uniu o gosto pela apuração com o rigor científico em seus trabalhos editoriais. Sua obra mais recente, “Quando vem da alma de nossa gente – Sambas da Praça Onze”, é a continuidade natural do trabalho anterior da autora, “Negros e Judeus na Praça Onze”, que foi adaptado para musical homônimo. Na conversa a seguir, ela fala ao Correio da Manhã do resultado das pesquisas realizadas em torno de um espaço que cidade pôs abaixo, mas que sobrevive no imaginário coletivo através de sambas de todos os tempos.

Seu mais novo livro surge como uma continuidade do seu trabalho anterior sobre a Praça Onze. De onde nasceu esse interesse específico na região?

Beatriz Coelho Silva - Sempre gostei de samba e, há uns 40 anos, li o livro de Roberto Moura, “Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro”, acho que o primeiro título sobre o bairro. Me encantei pelo assunto. No início dos anos 2000, soube pelos filhos de Samuel Malamud, um líder da comunidade judaica carioca, que os judeus também chegavam na Praça Onze, como, aliás, boa parte dos imigrantes pobres que aportavam ao Rio na primeira metade do século XX. Havia judeus, árabes, ciganos, espanhóis, brasileiros brancos e negros vindos de vários Estados, gente que fugia da fome, de perseguições religiosas, étnicas ou políticas, às vezes, de tudo isso. Fiquei interessada nessa mistura que, como diz o escritor Ronaldo Wrobel (judeu e autor do romance “Traduzindo Hannah”), tornava o bairro cosmopolita, mas um cosmopolitismo pobre. Muitas religiões, costumes, culinárias, idiomas e sotaques misturados, uma verdadeira pororoca, cuja maior expressão é o



‘Não haveria samba sem a música dos negros, mas o samba é mais que isso’

samba. O samba tem semente negra, mas muitos outros elementos o compõem. Não haveria samba sem a música dos negros, mas o samba é mais que isso.

E o que a motivou a revisitar e aprofundar a história desse local tão emblemático, desta vez sob uma narrativa poética-musical?

Em 2015, lancei o livro “Negros e Judeus na Praça Onze - A história que não ficou na memória”. Àquela época, pouca gente falava de judeus

(ou outros grupos culturais que não os negros) no bairro. E havia um movimento entre os judeus nascidos após a demolição da Praça Onze, de retomá-la como território de sua História. Então, o livro vendeu muito, cerca de 2.000 exemplares e só não vende mais porque está em poucas livrarias. Pensei em fazer um filme sobre o livro, mas é muito caro e difícil. Aí, produzi uma peça de teatro “Negros e Judeus na Praça Onze – o musical”, em 2017. Como não sou dramaturga, usei as músicas

sobre Praça Onze para contar a história. Assim, tem “Conversa de Botiquim” para falar dos bares (Noel Rosa frequentava), “Batuque na Cozinha” para falar das festas (João da Baiana é nascido lá) e por aí vai. Paulão 7 Cordas fez a direção musical e produziu versões instrumentais das músicas. Teve récitas lotadas e a peça está aí, para quem quiser montar. Uma professora da Letras da UFRJ, Luciana Nascimento, levou os alunos para assistir e fazer um trabalho e me disse: “Essas músicas

são crônicas, faça um mestrado com elas”. Este livro é a dissertação reescrita em linguagem de gente porque o texto acadêmico é muito chato, né?

O livro dissecou 14 canções que criaram uma mitologia sobre a Praça Onze, uma mitologia que perdura até hoje. Como você chegou a esse repertório?

Tem uma inglesa muito interessante, Daniella Thompson, cujo blog lista as músicas sobre a Praça Onze (<https://daniellathompson.com>).

com/Texts/Praca_Onze/praca_onze.htm) durante o século XX. Procurei as músicas no youtube e usei as que me interessavam. No livro, tem músicas de 1930 a 1982, mas foram feitas canções antes e depois sobre a Praça Onze.

Você descreve a Praça Onze como um lugar cosmopolita, uma “pororoca de idiomas e sotaques”. De que forma essa cartografia tão diversa ajudou a forjar o samba e sua identidade?

Como disse, a semente do samba é negra, são os cantos religiosos dos ex-escravos que foram para a periferia das metrópoles no início do século passado. Mas havia uma massa enorme de imigrantes pobres (árabes, judeus, europeus, asiáticos) que iam morar nesses bairros e traziam sua cultura, cada um deixando um pedacinho de si naquela música. Não é um fenômeno carioca, sequer brasileiro. Isso aconteceu nas Américas, resultando no blues e no jazz americano, na salsa e na rumba cubanos, no choro e no samba brasileiros. Se procurar, tem essa música misturada pra todo lado. Eu falo em pororoca porque, embora tenha virado um amálgama, algo cujos vários elementos são difíceis de identificar, o processo não foi tranquilo. Acho que é Canclini que diz que, onde tem gente, tem conflito. E a pororoca é isso, a água do mar e do Rio Amazonas disputam quem vai prevalecer, derrubam tudo que está na frente e, no fim, não se sabe se aquela água é Oceano Atlântico ou Rio Amazonas.

Sua pesquisa contou com a colaboração do músico Paulão Sete Cordas e da cantora e professora Clara Sandroni. De que forma esses saberes enriqueceram sua análise das canções escolhidas?

Adoro música, mas a paixão não é correspondida. Não toco, não canto e nem entendo de teoria musical e das mumunhas da música popular, que parece fácil, qualquer um canta, mas é difícilíssima quando você estuda. Assim sendo, precisei desses dois profissionais maravilhosos para me guiar pela pesquisa. Considero uma canção uma obra literária para ser ouvida, com letra, melodia e in-

terpretação. Paulão e Clara me explicaram como e por que cada música tem arranjo assim ou assado, as diferentes formas de cantar e tocar, porque uma tem orquestra e outra só um regional e por aí vai. Acho que sem eles, a pesquisa teria ficado sem graça, muita teoria e pouca informação. É importante ressaltar a parceria com a Editora Garota FM, especializada em música. Acho que é seu primeiro título sobre samba e espero que venham mais porque o assunto rende muito. A edição é primorosa, da capa ao texto revisto pela equipe e consegui um jeito de facilitar a audição das músicas de que falo no livro, o que melhora muito a leitura.

Mesmo após a demolição da Praça Onze há mais de oitenta anos, sua memória e influência cultural permanecem vivas. Podemos, efetivamente, dizer que o cancioneiro popular tornou-se o arquivo afetivo e histórico de um espaço físico que não mais existe. Em que momento esse processo cria o conceito de imaginação coletiva?

O carioca tem a Praça Onze como um local de seu passado e mesmo quem nunca foi lá se lembra do bairro. Quando eu pesquisava para o livro “Negros e Judeus na Praça Onze”, pessoas nascidas nos anos 1950 diziam ter ido lá. Impossível porque o bairro foi demolido em 1942. Foi Sérgio Cabral, o escritor, que me ensinou: estas pessoas não mentem, lembram-se do que não aconteceu, mas deveria ter acontecido. O sociólogo Michel Pollak diz que você não precisa ter vivido uma passagem para se lembrar dela porque a memória coletiva é forjada e negociada (nem sempre pacificamente, fique claro). Mas não creio que há um momento em que se cria a imaginação coletiva. Tipo até ontem não havia, hoje passa a haver. É um processo que pode ser estimulado, mas não imposto. Adorei quando Luiz Antônio Simas diz que é um pescador e não um pesquisador. Eu o considero um pesquisador, dos melhores, mas eu sou pescadora. Quan-



“*Não acho que as novas gerações estão distanciadas do samba. Pelo contrário. Nas rodas de samba que frequento no Rio e em Juiz de Fora, onde moro atualmente, há sempre muita gente jovem, ligadíssima, buscando aprender com os mais velhos!*”

do estudo esses assuntos, vejo que há sempre uma vontade de se lembrar de determinada coisa de determinado jeito. Existem fatos que são inegáveis: a Praça Onze foi demolida em 1942, moravam lá 100 mil pessoas à época, 5% declaradamente judias (está no Censo de 1940). Mas, como diz Pirandello, um fato é como um saco, vazio não fica de pé. É preciso enchê-lo de razões e argumentos. Então, a imaginação coletiva ou memória coletiva se criam assim.

Você citou o Simas que, no prefácio da obra, assegura que “não existe o samba do Rio de Janeiro sem a Praça Onze”. Como a senhora percebe essa ligação?

Quem sou eu para discordar de Simas? E ele tem razão sim. Havia samba em outros lugares do Rio ou mesmo do Brasil. Hoje, acredito que

onde houve escravo tem samba. Tem a congada em Ouro Preto, tem o calango no interior de São Paulo, o jongo no interior do Estado do Rio e até já acharam na região canavieira da Pernambuco.

O que difere na Praça Onze é que, com o sucesso de “Pelo Telefone”, em 1917, música feita na casa de Tia Ciata, uma líder comunitária avant la lettre, do bairro, produtores e cantores descobriram, na Praça Onze, um celeiro de músicas para vender a um público ávido para levar pra casa a música que antes só se ouvia no teatro ou em festas. Então, cantores e produtores iam lá, assim como compositores também. Era um ponto de encontro para a então nascente – mas já poderosa – indústria fonográfica brasileira.

Além do livro, você desenvolveu o “Samba se Aprende na Escola”, um podcast em linguagem didática destinado às salas de aula. Esse projeto revela uma preocupação tua sobre o distanciamento das novas gerações em relação ao samba?

Não acho que as novas gerações estão distanciadas do samba. Pelo contrário. Nas rodas de samba que frequento no Rio e em Juiz de Fora, onde moro atualmente, há sempre muita gente jovem, ligadíssima, buscando aprender com os mais velhos, cantando músicas que nem os avós deles eram nascidos quando foram compostas e querendo aprender. E tem também repertório novo, não cantam só clássicos. Estive em Vitória, recentemente, e lá também tem rodas muito boas. O samba tem isso. Paulão 7 Cordas fala do encantamento que tinha ao ouvir músicos como Dino 7 Cordas, dona Ivone Lara e Manacéa, quando era adolescente. Hoje os meninos e meninas vão às rodas e ficam grudados nele, querendo aprender. Em 2022, lançamos este audiolivro com as músicas comentadas por especialistas e a versão instrumental para se cantar. Lá são 16 músicas. O link é <https://toris.com.br/samba-se-aprende-na-escola/>. O projeto é consequência

da pandemia. Até 2020, eu fazia palestras em escolas públicas de Ensino Médio contando essas histórias e os adolescentes adoravam. Era assim: eu mostrava “Batuque na Cozinha”, por exemplo, e ele se identificavam com a festa que acaba na delegacia. Aí eu dizia: este samba, hoje cheio de moral, era música desconsiderada há 80 anos. Então, vai fundo no seu pagode, seu funk, seu gospel porque toda arte um dia é reconhecida. Aí, eu quis fazer um songbook, porque tinha as versões instrumentais das músicas e um shopping em Juiz de Fora se interessou pelo projeto. Mas veio a pandemia e o mundo acabou, né? Então, em 2021, com Paulão 7 Cordas e Lucas Gabriel MH, um jovem artista de Juiz de Fora, retomamos o projeto de um podcast. São 18 capítulos, cada um destrinchando uma música, por um especialista (ou o autor, como Aluísio Machado com “Bubum Patitumbum” e João Roberto Kelly com o “Rancho da Praça Onze”). Segundo Lucas me informou, tinha umas 1000 audições por dia. Quem ouve, gosta muito.

Embora você esteja envolvida com as etapas de lançamento do livro, que terá até uma roda de samba nesta quinta-feira, quais são os próximos projetos?

O livro terá o lançamento oficial no dia 17 de julho, às 17h, na Livraria Folha Seca (Rua do Ouvidor 37, Centro), com roda de samba comandada pelo Paulão 7 Cordas. Haverá outros lançamentos no Rio (Armazém do Senado e Espaço Paulão 7 Cordas) e em Juiz de Fora (Samba no Palácio, Mercado Municipal e UFJF) e onde mais quiserem me receber. Estou aberta a convites porque o escritor tem que ir atrás do público. Mas já tenho outro projeto em andamento. Faço outro mestrado em Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora, agora estudando os sambas de quadra da Velha Guarda da Portela. Quero entender como e por que estas músicas nos fazem gostar de ser brasileiros, ou seja, nos dão pertencimento. Mas ainda estou no meio do trabalho. Tem outras ideias, mas ideia deve ser calada. Só quando a criança nasce, como no caso de Sambas da Praça Onze, a gente deve sair anunciando, né?

Nas entranhas da exclusão de Berlim

Nova versão de romance de Alfred Döblin leva à Amazon Prime a vida periférica em solo alemão, apoiado na atuação de Welket Bungué

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quando “No Beast, So Fierce” (“Kein Tier. So Wild.”) atropelou a Berlinale 2025, em fevereiro, o nome de Burhan Qurbani, seu realizador, foi mencionado com respeito por todo o impacto que causou, cinco anos atrás, com o visceral “Berlin Alexanderplatz” (2020). O realizador renano de origem afegã fez da capital da Alemanha o cenário de um thriller queer sobre xenofobias que se arrastam desde o início do século XX, mas se acentuaram quando o crime organizado teve acesso a armas mais potentes. O mesmo assunto voltou à baila, este ano, com a releitura de “Ricardo III” que ele levou ao festival germânico, centrada nas quadrilhas de origem árabe.

Sua forma de retratar tiroteios deixaria Vin Diesel com inveja. A investigação sobre a brutalidade que se alastra com a segregação tomou forma com o cult que emplacou no ano zero da covid-19. Cult que ganha espaço agora, via



Wolfgang Ennenbach/Sommerhaus Filmproduktion

streaming, na Prime Video da Amazon.

Ao sair do metrô em Berlin Alexanderplatz, na capital da Alemanha, um relógio montado ao ar livre, em 1969, indica a hora certa em 148 cidades de todo o planeta. Esse instrumento recebe os visitantes como um estandarte de cosmopolitismo, no qual todas as globalizações são possíveis. Por trás da precisão dos minutos e segundos, existe um atestado de que aquela região não cessa, incrustada num país que é o motor econômico da Europa, mesmo na fase de crise que atravessa atualmente.

Essa aceleração já se fazia notar no romance que Bruno Alfred Döblin (1878-1957) publicou em 1929, ainda sob o trauma da I Guerra, com o nome daquela praça. No livro, Franz Biberkopf saía da prisão com planos de reinventar sua vida, mas percebe estar amarrado ao submundo depois que um amigo de índole duvidosa mata a garota de programa que era sua única fonte de afeto real. Ali, sonhos passam pelo ralador da ressaca moral e pela pobreza de uma pátria que começa a se

A criminalidade germânica dá o tom nevrálgico de ‘Berlin Alexanderplatz’, na versão de Burhan Qurbani

Divulgação



ver assombrada pelo nazismo. Em 1931, o sucesso editorial de Döblin gerou uma adaptação para as telas dirigida por Phil Jutzi (1896-1946).

Em 1980, foi a vez de um pilar do Novo Cinema Alemão, Rainer Werner Fassbinder (1945-1982), interessar-se por aquela prosa e transformá-la em

uma minissérie que foi um marco da TV, com Günter Lamprecht no papel de Franz. Agora, chega à Amazon Prime uma nova adaptação, exuberante, pilotada por Burhan Qurbani, conhecido aqui por “Nós Somos Jovens. Nós Somos Fortes” (2014).

Sua montagem emula a precisão daquele tal relógio do início desta crítica: há uma universalidade em sua cartografia da exclusão. Influenciado pelo ethos de Fassbinder, mas capaz de criar um léxico próprio, Qurbani tenta uma leitura queer dos códigos de lealdade na sociedade contemporânea, trafegando para além dos rótulos que a intolerância sexual insiste em alimentar, sobretudo numa Europa atada aos grilhões do racismo. Döblin serve a ele como um instrumento para discutir o que teóricos brasileiros como o geógrafo e doutor em Sociologia da Educação Jailson de Souza (nas páginas de “A Favela Reinventa a Cidade”) chamam de “estratégias de redes”, ou seja, cooperações como meios de subsistência e de potencialização das populações periféricas. A evocação da obra de Jailson vem

da relevância da Geografia como um saber humanista e do fato de que o Franz de Döblin aqui vira um imigrante de origem africana desterritorializado, “incluído” no território simbólico do Velho Mundo a partir de sua vivência de periferia.

Ovacionado em sua passagem pelo Festival de Berlim de 2020, o nevrálgico “Berlin Alexanderplatz” de Qurbani é um inventário das cicatrizes das vidas que gravitam pelas margens de uma Alemanha eurocêntrica, ainda quizilada pelo espectro do ne nazismo. Sua projeção inaugural comoveu pela catártica atuação de Welket Bungué, astro egresso da Guiné-Bissau. Franz será vivido por ele, nas franjas trágicas de uma narrativa de educação sentimental pela pedra. A partir do desempenho dele, discute-se uma certa noção de imobilidade social no tráfego geográfico por um espaço urbano de violência. “É difícil se livrar do Diabo depois que a gente deixa ele entrar”, comenta-se, em uma cena do filme de Qurbani, num indicativo do clima mefistofélico que cerca Franz. Aqui, esse imigrante d’África precisa apelar para o crime para alimentar o sonho de dignidade que acalenta. Avesso a toques invasivos em seu corpo, ele negocia a alma em sua jornada em prol de se afirmar não como um corpo estranho em um país estrangeiro, mas como parte dessa Europa ainda xenófoba que hostiliza seus passos. Numa sequência hipnótica, ele grita: “Eu tenho nome alemão!” para seus adversários, em um meio ambiente hostil de prostituição, lotado de chefões do crime e policiais intolerantes. É um filme de gângster e é um drama social, na jornada de um excluído para se reinventar.

Cartografia de resiliências

Acervo Pessoal



Eunice Gutman, uma cineasta essencial para as lutas feministas travadas no Brasil desde os anos 1970

Estação NET Botafogo exhibe filmes de Eunice Gutman, premiada cineasta que abriu veredas da reflexão feminista no cinema brasileiro, debatendo causas sociais necessárias

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Lugar de escuta é o que não falta no procedimento dramaturgicamente de Eunice Gutman, cineasta essencial para as lutas feministas do Brasil, que terá a ribalta do Estação NET Botafogo, nesta quarta-feira, a partir das 20h, onde vai expor ideias (em imagens) sobre as representações das identidades femininas no audiovisual. Faz pouco, essa documentarista, conhecida por “Vida De Mãe É Assim Mesmo” (1983) integrou um coletivo de artistas, estruturado pela realizadora Nicole Algranti, para transformar a prosa de Clarice Lispector (1920-1977) em segmentos de um longa-metragem. Filmou “Mal-Estar De Um Anjo” para o projeto, que vai nascer já, já.

O que será exibido na telona da Rua Voluntários da Pátria nº 88, seguido de debate com a poeta, escritora e pesquisadora Susana Fuentes, é “A Rocinha Tem Histórias” e “E O Mundo Era Muito Maior Que A Minha Casa”, recentemente restaurado pela Cine Limite. Memórias de um cotidiano pouco conhecido costumam ser uma das bússolas de Eunice nas telas e nutrem uma filmografia que ultrapassa matrizes etnográficas na criação de uma poética de inclusão.

“Mulheres: Uma Outra História”, de 1988, é um dos trabalhos mais conhecidos da realizadora, que ganhou uma exposição

nas Casas Casadas, em 2022. À época, Eunice explicou ao Correio da Manhã: “No meu mergulho no social, chega um momento em que eu descubro que o pessoal é político. Daí o meu interesse ter se tornado bem maior pela condição da mulher na sociedade, o que, no fundo, traduz a minha experiência de vida”.

O que o Estação NET Botafogo confere nesta quarta é uma obra pautada pela delicadeza. Em “Duas Vezes Mulher”, no Vidigal, a câmera de Eunice mostra uma rua cavada e

erguida por Jovina, uma das personagens. É a rua a qual ela deu nome. Rua que ela e suas colegas de bairro construíram. Lá, os objetos dentro de sua casa, mais que detalhes, são uma extensão de uma urgência na construção de um teto, na manutenção de um lar. Ali, barro e tijolo são ventres que geram acolhimento. No filme “Nos Caminhos do Lixo”, sobre as catadoras de Jacutinga, a cineasta filma mulheres que catam material reciclável e começaram a viver disso, formando coope-

rativas. Com isso tiraram carteira de identidade, aprenderam a ler e a administrar suas vidas e se organizaram. Elas se fortalecem conjuntamente, em grupos que se apoiam. É um estudo sobre sororidade, numa mirada geopolítica

Num empenho de entender o lugar das mulheres na religião, Eunice rodou “Feminino sagrado”, no qual encontrou uma freira, numa periferia, que rezava a missa porque não havia padres no local. Nesse filme, vemos as religiões de matrizes africanas, nas quais as mulheres têm papel preponderante. Numa investigação do povo judeu, ela buscou por mulheres que liam a Torah. “Em cada filme, encontro mulheres que são, naturalmente, lideranças e procuram construir o lugar onde viviam. Ou que lançavam uma perspectiva nova”, disse Eunice ao Correio.

Questões sociais, como a leitura, desenharam “A Rocinha Tem Histórias”. O importante ali era que as crianças queriam ser representadas nos livros escolares, contando aquilo que imaginam da vida, sob o filtro da fantasia e da esperança. Era importante o fato de que as mulheres que fundaram as escolas comunitárias tinham um olhar para aquelas crianças, filhas de migrantes do Nordeste que viviam na comunidade e não conheciam o asfalto.

Quando Eunice entrou para o cinema, nos anos 1970, o documentário era mais acessível ao produtor independente em termos de orçamento. Em seus caminhos pela criação, ela abraçou a não ficção como meio de buscar a voz das mulheres, fossem elas crianças, jovens adultas ou pessoas 60 mais, como a senhora que aprende a ler, aos 77 anos, em “E O Mundo Era Muito Maior Que A Minha Casa”. A escolha do título vem do seu depoimento, quando ela conta o que descobriu depois que aprender a ler. Era pelo programa do Mobral. Esse documentário dispensou a narração de um locutor, como era comum na década de 1970 e 80, usando a voz dos próprios personagens. Foi já um desbravamento, numa criação intimista, na qual as personagens se revelam sequência a sequência.

Ali Eunice cria uma grafia sinestésica singular, que faz dela uma gigante em sua cartografia de resiliências.

Paulo-Roberto Andel

Parabéns, Copacabana

Foi outro dia, no começo do mês. O bairro que nunca dorme - no máximo tira um cochilinho - fez aniversário de 133 anos, dando exemplo para milhares de moradores que mergulharam na terceira idade há tempos. Copacabana também é trabalho de Deus, bem mais do que uma semana e tudo bem. Não há outro lugar do Brasil, quicá do mundo, em que a elegância e a decadência andem tão bem de mãos dadas. E cada um tem sua Copacabana preferida ou odiada, conforme cada caso. O meu é de um amor profundo e saudades permanentes. Ainda sonho com o dia de voltar a morar no bairro, mesmo sabendo que 95% das paisagens natural e humana tenham desaparecido.

Cada um tem sua Copacabana no coração, então falarei um tiquinho da minha.

Por exemplo, era muito legal esbarrar com Monsieur Limá - ícone da black music - na Siqueira Campos ou em outra rua. O Toni Tornado, que mata a bola no peito aos 95 anos de idade, também. E quem se lembra do Marcão, pioneiro do merchandising, que divulgava lojas usando um chapéu de viking - com super chifres - em frente ao CCC, Centro Comercial de Copacabana? Esquina de Siqueira Campos com a Avenida Copa.

Em 1978 a gente fundou o Copacabana Futebol Clube. Éramos garotos do Instituto Santo Antônio de Pádua. Escolhemos o short preto porque todo mundo tinha um. A camisa era Hering vermelha. Tenho dúvidas sobre a cor do número nas costas, Fernando Guilhon deve saber. Parecia Flamengo demais pro meu gosto, mas na verdade lembrava o saudoso Colorado do Paraná. Durou

um ou dois jogos.

Todo fim de ano, os craques do Maracanã desembarcavam nas areias de Copacabana, mais precisamente no campo do Juventus, para uma pelada inesquecível. O calçadão enchia de gente para torcer por Zico, Edinho, Romerito, Roberto e tantos outros. O futebol sempre foi uma paixão da praia, com Bairro Peixoto, Maravilha, Areia, Força e Saúde, América do Lido e o inesquecível Dinamo do não menos inesquecível Tião Macalé. Tchan!

Perto da esquina da Avenida Copacabana com a Santa Clara, havia um paraíso das guloseimas: Bonnie's, Cirandinha e a lanchonete das Lojas Brasileiras. E também o cine Metrô, que possuía o ar condicionado mais poderoso da história de Copacabana - e consequentemente do resto do mundo: quando o povo saía da sessão, do outro lado da rua você sentia o vento geladão.

Barata Ribeiro com Constante Ramos, Sorveteria Bolonha. Um lindo letreiro vermelho e branco estilo America. A lanchonete ficava junto da loja de doces. Tudo era gostoso e barato, do hambúrguer de carne moída honesta ao sorvete de morango, agora o delicioso mate da casa. Várias quadras antes, bem em frente à Policlínica da Hilário de Gouveia funcionava a excelente lanchonete Bill's, que encerrou suas atividades e deu lugar à primeira loja do MC Donald's instalada no Brasil. Já o saudoso primeiro Bob's ficava na Domingos Ferreira.

A coluna vai acabando, eu não disse 1% do que gostaria mas está tudo certo. Copacabana é interminável. Tudo passa. Outras colunas virão.

De volta à
composição

Ana Carolina abre turnê comemorativa de 25 anos de carreira e lança o EP 'Ainda Já - Vol. 1' com cinco inéditas autorais

Por Affonso Nunes

Depois de se apresentar para um Qualistage com lotação esgotada no último fim de semana, Ana Carolina segue em turnê nacional com seu show "25 Anas". Dividido teatralmente em cinco atos não cronológicos, o show é permeado por grandes sucessos, elementos cênicos e projeções em LED que ajudam a contar, de forma quase cinematográfica, as eras vividas pela cantora. É também nesse armazém simbólico que o público tem acesso, em primeira mão, às faixas inéditas do EP 'Ainda Já'.

"O tempo é a razão disso tudo. Revisitar meus 25 anos de carreira é essencial neste show, mas quero também que o público viaje comigo para o agora e para o que ainda está por vir. Essas novas canções refletem meu presente e antecipam os caminhos que pretendo trilhar nos próximos anos", explica Ana Carolina, que voltará ao Qualistage em data extra em 19 de setembro.

Lançado pela Sony Music, o EP reúne cinco composições inéditas e autorais, representando o primeiro trabalho de músicas próprias da artista desde "N9ve", álbum em que assinou todas as faixas em parceria.

O título "Ainda Já" sintetiza essa dualidade temporal que permeia todo o trabalho: a celebração do percurso consolidado desde novembro de 1999, quando ganhou notoriedade nacional, simultaneamente ao movimento de abertura para experimentações futuras.



Fotos/Divulgação

Ana Carolina: 'Revisitar meus 25 anos de carreira é essencial neste show, mas quero também que o público viaje comigo para o agora e para o que ainda está por vir'



A produção, assinada pela própria Ana Carolina em parceria com Iuri Rio Branco, revela um projeto que transita com desenvoltura entre diferentes vertentes da MPB. O repertório passeia por baladas pop, marcha rancho, pop rock e sonoridades que dialogam com a bossa nova, mantendo como fio condu-

tor o romantismo que sempre caracterizou o cancionário da artista, mas filtrado por duas décadas e meia de vivências.

"Esse EP nasce do desejo de pensar caminhos novos, mas com os pés firmes nas minhas raízes. É fruto de um processo autoral em que me abro para o inesperado — experimentando com artistas com quem nunca havia dividido notas, descobrindo novas paisagens sonoras e formas de dizer", explica a cantora sobre o projeto.

A decisão de retomar a composição após tanto tempo também representa um movimento de autonomia criativa. Ana Carolina assume não apenas a direção artística, mas também a produção do EP, sinalizando um momento de maior controle sobre sua obra. Esse protagonismo criativo se alinha com a maturidade artística de quem construiu uma carreira sólida e agora se permite experimentar sem pressões externas.

Fronteiras musicais expandidas

Gaitista celebra 25 anos de carreira com lançamentos no exterior e colaborações que transitam do erudito ao popular

Por **Affonso Nunes**

Gabriel Grossi consolida sua posição como um dos principais gaitistas numa trajetória que dissolve fronteiras entre gêneros e culturas musicais. O músico brasileiro tem chamado atenção internacional não apenas pela virtuosidade técnica, mas pela capacidade de transitar com naturalidade entre universos aparentemente distintos, do samba ao rock, da música clássica ao jazz.

Sua versatilidade ficou evidente durante o festival Best of Blues, quando foi convidado para integrar o show da Dave Matthews Band nos dois dias do evento.

Zo Guimarães/Divulgação



Esse reconhecimento ganha corpo com o álbum “Plural”, lançado no Brasil em 2022 e agora distribuído internacionalmente pelo selo inglês Whirlwind Recordings, numa celebração aos 25 anos de carreira do artista. O disco autoral reúne dez composições, metade com letras, e conta com participações de Jacob Collier, Lenine, Zélia Duncan, Anat Cohen, Hermeto Pascoal, Ed Motta e Leila Pinheiro.

Paralelamente, Grossi desenvolve “Java Nova – Brasil França”, projeto que relacionado ao Ano do Brasil na França e da França no Brasil. A formação reúne o percussionista brasileiro Adriano DD, radicado em Paris, os franceses Laurent Coulondre (piano) e Antoine Arroyo (baixo), além de participações especiais dos brasileiros Mestrinho e Sérgio Pererê e das francesas Helene Argo e Christelle Raquillet. O álbum, com lançamento pela Biscoito Fino, chega ao Brasil na segunda quinzena de setembro.

Gabriel Grossi tem trabalho lançado no mercado internacional e novo álbum saindo do forno

No cenário nacional, o instrumentista circula ao lado de Amilton Godoy, fundador do Zimbo Trio, interpretando Villa-Lobos e preparando novo álbum que explora a fusão entre erudito e popular brasileiro. Grossi também atua regularmente como solista em orquestras sinfônicas, expandindo o repertório do instrumento no contexto clássico.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Entre razão e desejo

Juliana Raimundo lança o clipe de “Pra Me Persuadir”, single que flerta com nova MPB e conta com participação do rapper SóCiro, adicionando elementos de hip hop e rock. A faixa explora o embate entre razão e desejo com melancolia elegante. Produzida por Alencar Martins no Juá Estúdio e lançada pela Baqueá Records, a música integra o EP “Beba-me”, previsto para fim do ano, junto com os singles “Cerveja” e “Era Você”. O clipe performático está disponível no YouTube da Baqueá Records.

Divulgação



Alex G. Harper/Divulgação



Narrativa singular

Formado por Finneas e Ashe, o duo The Favors lança “The Hudson”, segunda faixa do álbum de estreia “The Dream”, previsto para 19 de setembro. A música retrata um relacionamento passageiro em Nova York, com piano suave, harmonias intensas e solo de guitarra nostálgico. O videoclipe, dirigido por Alex Lockett, alterna cenas em preto e branco com momentos coloridos à beira do rio. Finneas destaca o estilo teatral da dupla, onde os personagens cantam sobre a mesma experiência, criando narrativa singular na cena pop contemporânea.

Divulgação



Criação instantânea

O Forró da Taylor lança nesta sexta (18) o single “Mixuruca”, parte do projeto Ao Vivo na Fundação Progresso pelo selo Fundisom. A música mistura humor e romantismo nos relacionamentos. Segundo Igor Conde, fundador do coletivo, a faixa reflete o espírito divertido da banda. A composição surgiu espontaneamente em Saquarema, com sugestões dos seguidores no Instagram. “Fiz frases soltas, mostrei pra Mari Jasca (cantora do grupo) e cada um foi colocando mais colaborações até chegarmos à música como ela é”, conta Léozão, integrante da banda.

A tradicional Festa Internacional de Teatro de Angra dos Reis (Fita) chega à sua 17ª edição consolidada como um dos mais longevos festivais de artes cênicas do país. Entre 22 de agosto e 7 de setembro, cerca de 30 produções teatrais desembarcam na cidade da Costa Verde fluminense, oferecendo ao público sessões a preços populares na Tenda e no Teatro Municipal.

O evento deste ano traz como principal homenageado o ator Diogo Vilela, que completa 55 anos de carreira artística. Vilela, que iniciou sua trajetória aos 12 anos na telenovela “A Ponte dos Suspiros” (1969), apresentará seu novo espetáculo “O Bem Amado” e receberá a honraria máxima da FITA, distinção que no ano anterior celebrou Othon Bastos. Ao longo de sua extensa carreira, o ator protagonizou marcos como “Ensina-me a Viver” (1981) ao lado de Henriette Morineau, além de sucessos teatrais como “Solidão, a Comédia” (1991), “Hamlet” (2000) e “Cauby! Cauby!”.

A programação desta edição destaca-se pela presença de nomes consolidados do teatro brasileiro. Vera Holtz apresenta “Ficções”, solo que acumula três anos de sucesso mundial com mais de 300 apresentações. José de Abreu traz o elogiado “A Baleia”, enquanto Mel Lisboa chega com “Rita Lee – Uma Autobiografia Musical”, fenômeno que manteve lotação esgotada por 16 meses consecutivos no Rio de Janeiro e São Paulo.

A Fita 2025 será palco de estreia nacional para quatro espetáculos inéditos. O premiado Grupo Carmin, do Rio Grande do Norte, apresenta “Gente de Classe”, com dramaturgia de Henrique Fontes e direção de Quitéria Kelly. De Belém do Pará vem “Desertos”, montagem com texto e direção de Saulo Sinando. O diretor Eric Lenate estreia sua versão para “Novas Diretrizes em Tempos de Paz”, clássico contemporâneo que retorna aos palcos após 25 anos da celebrada montagem original de Bosco Brasil. Dan Rosseto apresenta o texto inédito “Chez Tois”, com elenco



Divulgação

Desertos



Ligia Jardim/Divulgação

Gente de Classe

A festa do teatro tem endereço



Divulgação

Rita Lee - Uma Autobiografia Musical

Angra dos Reis recebe, mais uma vez, a Fita com grandes montagens nacionais e estreia de espetáculos inéditos

formado por Barbara Bruno, Viviane Figueiredo e Nalu Albuquerque.

O festival contempla ainda diferentes segmentos do público. A mostra Fitinha reúne espetáculos infantis, enquanto as sessões de

comédia ganham destaque com “Embrulha para Viagem”. Uma homenagem especial a Domingos Oliveira será prestada com a apresentação de “Dois Contra o Mundo”, protagonizada por Priscilla Ro-



Alê Catan/Divulgação

A Baleia



Flávia Canavarro/Divulgação

Ficções



Pilot Studio

O Bem Amado

zembraum, viúva do dramaturgo.

Idealizada por João Carlos Rabello, a Fita integra o calendário cultural brasileiro como plataforma de encontro entre grandes nomes consagrados e apostas emergentes

da cena teatral nacional. Durante o evento, o tradicional Prêmio Fita avalia os espetáculos através de júri especializado, revelando os vencedores em diversas categorias, além da votação popular.